



Teresa Vasconcelos\*

# TV

## ONDE ESTÁ O CURRÍCULO EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA? ONDE ESTÁ A PEDAGOGIA?

Perdoem que me manifeste na sequência da coluna sobre nutrição de Paula Veloso (que acabei de ler) publicada no número de Outono de 2005 desta revista, mas talvez faça sentido ir “reagindo” ao que outros escrevem. A problemática da nutrição é fundamental para nós, professores de todos os níveis educativos: Paula Veloso elucida-nos sobre o “Pequeno-Almoço, (como) Alavanca da Manhã”. Veio-me de imediato à memória o trabalho de um jardim-de-infância num bairro degradado de Lisboa que, face à pobreza de hábitos alimentares das crianças e famílias, lançou um projecto intitulado “Pequeno-Almoço Saudável”. Parecia uma festa o dia do lançamento do projecto! No refeitório, onde as pequenas mesas tinham sido dispostas em conjunto, cobertas com uma grande toalha branca, com grande cuidado e beleza, apresentavam-se as “iguarias saudáveis” do pequeno-almoço. No dizer de uma das crianças, registado pela educadora: *“não havia bolos nem chocolates, nem chupas, porque é só nas festas e fazem mal aos dentes”*. Os desenhos dos frutos, do pão ou das canecas de leite ou sumo de fruta, pormenorizadamente ilustrados, demonstravam o impacto que aquele “ritual” tinha tido sobre as crianças. Posteriormente, a gravação em vídeo do processo iria ser discutida numa reunião com pais, para a qual se convidara uma nutricionista. Num outro jardim-de-infância, pertenente a um agrupamento hori-

zontal situado num bairro não menos degradado, assisti há dias ao espectáculo confrangedor de educadores e auxiliares de acção educativa facultando às crianças a possibilidade de elas tomarem no jardim-de-infância o pequeno-almoço que traziam de casa – aliás, que os familiares compravam na pequena loja do bairro antes de entregarem as crianças na instituição: “bolicaos” (uma criança até balbuciou triunfantemente que trazia “dois”!), pacotes de batatas fritas, coca-colas... Interrogando se a escola não tinha uma “orientação” quanto à alimentação (as crianças usufruem de uma cantina que lhes proporciona refeições adequadas, para as quais “elas não têm apetite”), fui confrontada com muitas explicações de que os pais consideravam “sinal de pobreza” dar pão com manteiga às crianças, que a população era muito difícil, etc., etc. Entretanto, observando melhor as crianças, constatei que uma boa percentagem mostrava sinais preocupantes de obesidade ou de hiperactividade, que muitas tinham os dentes com cáries precoces, que as vias respiratórias demonstravam

**“Observando melhor as crianças, constatei que uma boa percentagem mostrava sinais preocupantes de obesidade ou de hiperactividade, que muitas tinham os dentes com cáries precoces, que as vias respiratórias demonstravam múltiplas reacções alérgicas.”**

múltiplas reacções alérgicas. No intervalo (recreio) as famílias vinham “suplementar” com novos “bolicaos” e pacotes açucarados de sumo, introduzidos através das grades da escola sob o olhar complacente de profissionais e auxiliares.

Face a estas duas situações, pergunto-me: Onde está o Currículo em Educação de Infância? Onde está a Pedagogia? Onde as parcerias educativas com as famílias? Que estrutura, que modelo proporciona a educação de infância (ou o 1.º ciclo) a crianças e suas famílias? Será que esta problemática não é “curricular” ou “pedagógica”? Ou será que vem “mais lá à frente” no programa? Enquanto profissionais, podemos fechar os olhos a sinais alarmantes que, além de repercussões imediatas no bem-estar físico e mental das crianças, vão ter implicações graves na sua futura capacidade de aprender? :

\*Professora